

produção gráfica: www.wasserkivauppg.br



O SENTIDO DA CARITATIVA

Luigi Jussari



nimo, desde que seja sistematicamente vivido e realizado. Por isso, seria suficiente, como início, participar da «caritativa» apenas uma vez por mês. Também no que diz respeito à periodicidade do empenho, é bom consultar quem na comunidade pode corretamente nos aconselhar.

3. Ordem

É o tempo livre que devemos empenhar (indo o mais a fundo possível). Duplo é o limite que faz com que a genialidade do tempo livre esteja dentro de uma ordem:

- a. não prejudicar o estudo (ou o trabalho);
- b. não perder a discricão na família.

Aqui também será o diálogo pessoal com a autoridade familiar e com a do Movimento que ajudará cada um a alcançar um critério para definir o seu tempo livre.

NOTA FINAL

Para que o gesto comum seja completo é necessário:

- Por parte do grupo que a propõe: que seja uma iniciativa guiada, que começa com uma oração e que seja julgada em comum pelo menos uma vez por ano.
- Por parte da pessoa: que seja um compromisso livre a que cada um se mantenha fiel.

Este texto serve como “guia” para um dos gestos fundamentais da experiência de Comunhão e Libertação, a “caritativa”. Trata-se, porém, de uma proposta a todo e qualquer homem, pois a caridade é uma “lei da existência”.

Comunhão e Libertação

São Paulo, Junho de 2016

Tradução Vando Valentini

OBJETIVO

I.

Antes de mais nada, a nossa natureza exige que nos interessemos pelos outros.

Esta é uma exigência que a natureza humana traz consigo. De fato, quando há algo de grande e de belo em nós, sentimo-nos impulsionados a comunicá-lo aos outros. Quando vemos outras pessoas que estão em uma situação pior do que a nossa, sentimo-nos impedidos a ajudá-las, compartilhando algo que é nosso. Tal exigência é tão original, tão natural, que existe em nós mesmo antes que tenhamos consciência dela, e por isso nós a denominamos justamente lei da existência.

Participamos do gesto de «caritativa» para satisfazer esta exigência.

II.

Quanto mais nós vivemos esta exigência e este dever, tanto mais nos realizamos: compartilhar com os outros o que somos nos proporciona a experiência de viver segundo todas as dimensões da nossa pessoa. Tanto isto é verdade que, quando não conseguimos nos doar, sentimo-nos diminuídos, falta-nos algo.

O fato de nos interessarmos pelos outros, de nos comunicarmos aos outros, leva-nos a cumprir o supremo, aliás, o único, dever da vida, que é o de realizar a nós mesmos.

Nós participamos da «caritativa» para aprender a cumprir este dever.

2. Fazer para compreender

Para compreender não basta saber, é preciso fazer, com aquela coragem da liberdade, que é a de aderir ao ser que se vê, isto é, à verdade. Se a lei da existência é colocar em comum a si mesmo, deveríamos compartilhar tudo a todo instante.

Esta é a maturidade suprema, que se costuma chamar humanidade ou santidade. Olhando para um caminho que educa a este ideal, o fato de sermos obrigados pelas circunstâncias (o que chamamos normalmente «dever») leva a uma dificuldade muito maior.

É o pequeno tempo livre que me educa: aquilo que dá a medida exata da minha disponibilidade aos outros é o uso daquele tempo que é só meu, no qual posso fazer «aquilo que eu quero». Desta forma, nasce em nós uma mentalidade, um modo quase instintivo de conceber toda a vida como um compartilhar, como uma partilha.

O pequeno tempo livre redime todo o resto. E, aos poucos, participando do gesto da «caritativa», começamos a entender mais o colega de classe, o pai, a mãe, o companheiro de trabalho.

O momento em que podemos assimilar esta mentalidade com agilidade é sobretudo quando somos jovens; pelo menos é o que acontece normalmente. E é só começando a fazer, a doar parte do tempo livre, como gesto integral de liberdade, que a caridade cristã se tornará mentalidade, convicção, dimensão permanente.

Deve-se notar que não nos interessa tanto a multiplicidade de atividades, a quantidade de tempo livre que dedicamos a isso. O que nos interessa é que na nossa vida e a nossa consciência se afirme o princípio da partilha ao menos através de algum gesto, mesmo que seja mí-

asilos, com qualquer um que necessite e, amanhã, no escritório ou na fábrica, na cidade, na América Latina ou no mundo, que é tão grande e que espera por Ele.

DIRETRIZES

A referência ao Movimento deve ser contínua, para não se correr o risco de perder a procura da ideia profunda que nos sustenta na ação para o outro; e assim ficaria maior o perigo do desânimo, do cansaço ou da infidelidade.

A fidelidade em confiar nas indicações do Movimento e daqueles que são os responsáveis é o primeiro mérito e terá o devido fruto.

As diretrizes que Comunhão e Libertação dá sobre a «caritativa» são três:

1. Saber o porque

Enquanto não soubermos bem, com clareza e simplicidade, o porquê último, o objetivo do nosso fazer, não poderemos nunca ficar sossegados. O nosso objetivo é extrair o sentido daquilo que fazemos, extrair a única ideia pela qual conseguiremos ficar fiéis, mesmo quando não tivermos mais entusiasmo ou não experimentarmos mais o gosto.

Então, será preciso dialogar nos nossos encontros, nos grupos, com os responsáveis da comunidade, com as pessoas mais maduras e que vivem mais. Sobretudo fazer uma revisão, de vez em quando, com as pessoas ligadas ao «centro» do Movimento.

III.

Cristo nos fez entender o porquê profundo de tudo isso, revelando-nos a lei última do ser e da vida: a caridade. A lei suprema do nosso ser é compartilhar o ser com os outros, é pôr em comunhão a si mesmo.

Somente Jesus Cristo nos diz isto, porque Ele sabe o que é cada coisa; quem é Deus, do qual nascemos, e o que é o Ser.

Consigno entrar mais no significado da palavra «caridade» quando penso no fato de que o Filho de Deus, amando-nos, não nos enviou as suas riquezas, como poderia ter feito, revolucionando a nossa situação de homens, mas se fez pobre como nós, compartilhou a nossa nulidade.

Nós participamos da «caritativa» para aprender a viver como Cristo.

CONSEQUÊNCIAS

I.

A caridade é a lei do ser e vem antes de qualquer simpatia e de qualquer comoção. Por isso, o fato de fazer algo pelos outros é despojado de tudo e pode ser feito também sem entusiasmo. Poderia muito bem não ter nenhum assim chamado resultado «concreto»; de fato, para nós, a única atitude «concreta» é a atenção à pessoa, a consideração pela pessoa, isto é, o amor.

Todo o resto poderá vir como consequência: como Jesus, que somente depois fez os milagres e tirou a fome das pessoas.

Devemos frisar dois pontos de partida que ainda não estão claros, para que possamos nos abrir aos outros:

1. Ir ao encontro das necessidades dos outros.

Este é um ponto de partida ainda incompleto! Qual é a necessidade do outro?

Esta postura é ambígua, depende do que nós acreditamos ser a necessidade do outro: pode ser que aquilo que eu levo não seja verdadeiramente aquilo de que o outro necessita. Eu não sei do que o outro verdadeiramente necessita, eu não posso «medi-lo», não é uma coisa minha. É uma medida que eu não possuo: é uma medida que está em Deus. Por isso, as «leis» e a «justiça» que nós fazemos podem esmagar o outro quando esquecem ou quando têm a pretensão de substituir o único bem «concreto» que existe: a pessoa e o amor à pessoa.

2. A amizade.

Também seria incompleto se começássemos apostando tudo no fato de construir uma amizade com o outro, porque ela pode carregar consigo ainda uma ambiguidade. A amizade implica uma correspondência que pode não ocorrer e que, portanto, não é um acontecimento essencial para a nossa ação de hoje, ainda que seja essencial para o nosso destino final.

II.

Ir ao encontro do outro livremente, começar a compartilhar a sua vida, começar a compartilhar a nossa, tudo isso nos leva a descobrir uma coisa sublime e misteriosa (mas isto se entende fazendo!).

Trata-se da descoberta do fato de que, justamente porque nós os amamos, não é a nossa ação que os torna felizes; de fato, nem mesmo a mais perfeita sociedade, ou a organização mais forte e sábia, nem a maior riqueza do mundo ou a saúde mais perfeita, nem mesmo a beleza mais pura ou a civilização mais aprimorada poderá torná-los felizes.

Somente um Outro poderá torná-los felizes. Quem é a razão de tudo? Quem é que fez tudo o que existe? Deus.

Então Jesus não é apenas aquele que explica a palavra mais verdadeira, que explica a lei da minha realidade, não é somente a luz que ilumina a minha mente: eu descobro que Cristo é o significado da minha vida.

É belíssimo o testemunho de um de nós que, depois de ter experimentado este valor, disse: «Eu continuo participando da caritativa, porque todo o sofrimento meu e deles tem um sentido».

Esperando em Cristo, tudo tem um sentido: Cristo.

Consigo, finalmente, descobrir tudo isto somente participando do gesto da «caritativa», exatamente pela impotência final do meu amor: e esta é a experiência em que a inteligência se aprofunda na sabedoria, na verdadeira cultura.

III.

Mas o Cristo está presente agora: não é verdade que somente «nasceu e viveu em...» ou que «esteve presente»; Ele «está aqui», «nasce e vive» hoje: é a Igreja. A Igreja é o Cristo, presente aqui e agora, como Ele quis.

E a Igreja é a comunidade que nós formamos, nós mesmos, pobres, mas apegados a Ele.

Por isso, a esperança nos sustenta: o próprio Deus está entre nós.

Um de nós, num encontro, disse: «Continuo indo lá porque vocês vão comigo». É verdade, é este justamente o sentido do nosso estar juntos, o sentido da comunidade eclesial, que nos leva hoje a seguir adiante, junto aos excepcionais, ou com as crianças, com os doentes ou nos